

des estadonovistas, espancava os que defendiam a tese da exploração estatal dos nossos recursos petrolíferos, a imprensa se unia para sustentar as teses antinacionais de entrega desses recursos à exploração estrangeira. Esse clima de maciça mistificação, em que concorreram enormes recursos publicitários, permitiria novas arbitrariedades: parlamentares tiveram seus mandatos cassados, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a União Soviética, o Partido Comunista foi colocado fora da lei. Foi esta a segunda campanha de mobilização da imprensa: viria pôr a nu não apenas a inocuidade do dispositivo constitucional que proibia estrangeiros na imprensa, mas o absoluto controle que as agências estrangeiras de publicidade exerciam sobre a imprensa.

O mandato de Dutra aproximava-se do fim e as possibilidades de um golpe continuísta eram reduzidas; verificava-se, por outro lado, que o Governo não dispunha de condições para fazer o sucessor de Dutra; logo surgiu a candidatura de Getúlio Vargas. Em sua campanha eleitoral, apesar da prudência de suas posições, Vargas esposou a tese da exploração estatal do petróleo; líder da burguesia, entendeu claramente a capacidade de mobilização de que a tese nacionalista era capaz, a aguda sensibilidade popular a essa colocação; ademais, para a burguesia, o problema do petróleo brasileiro representava aspectos importantes: permitia-lhe aliar-se a outras camadas e classes, mais profundamente tocadas pela tese nacionalista, e limitava o choque com o imperialismo porque não se tratava de riqueza já explorada por estrangeiros, forçando a solução de desalojá-los, mas de riqueza potencial; tratava-se de prevenir, não de remediar, e prevenir, ainda nesse caso, era muito mais fácil. Como os impostores acabam quase sempre admitindo como verdadeiras as suas próprias imposturas, a maioria dos elementos burgueses empenhados na luta pela exploração estatal do petróleo brasileiro tinha, no íntimo, sérias dúvidas de que, realmente, adotada tal solução, chegássemos à autosuficiência no suprimento de combustíveis ao mercado interno: haveria sempre campo para a ação dos capitais estrangeiros que operavam em petróleo, no nosso país, — pelo menos no fornecimento e na distribuição. Vargas foi eleito e conseguiu ser empossado.

Os antagonismos políticos tornaram-se agudos e refletiam-se claramente na imprensa. Vargas não tinha condições, pela mudança dos tempos, para subornar a grande imprensa, como se fizera antes no Brasil, e Campos Sales confessara com tanta simplicidade. Mas era já rotina a abertura de generosos créditos a empresas jornalísticas, nos estabelecimentos bancários e previdenciários do Estado. Vargas julgou que esse caminho, largamente batido, lhe permitiria ter pelo menos um órgão oficioso, de base popular, capaz de permitir-lhe enfrentar a maciça frente dos jornais